

A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO RUSSA AO BRASIL

N. G. CHPRINTSINE

Entre as teses apresentadas pelos membros da delegação da União Soviética ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, reunido no Rio de Janeiro em agosto de 1956, figura a de autoria de N. G. CHPRINTSINE, que focaliza a expedição de Langsdorff ao Brasil (1821-29). Oferecêmo-la aos nossos leitores, numa tradução da Prof. Dora de Amarante Romariz, feita conforme o texto em francês, que aparece no volume então publicado, sob o título "Essais de Géographie", edição da Academia de Ciências daquele país (Moscou-Leningrado, 1956).

Ocupa a primeira expedição russa ao Brasil um importante lugar dentre a série de notáveis expedições realizadas durante a primeira metade do século XIX. Seu objetivo era o de estudar as regiões ainda desconhecidas e de difícil acesso, não só do Brasil, como também dos países limítrofes, tendo tido por organizador e chefe G. H. LANGSDORFF, membro da Academia de Ciências de São Petersburgo e cônsul russo no Brasil.

Possuía G. H. LANGSDORFF uma considerável experiência como explorador, adquirida no decurso de diferentes viagens que realizara, sobretudo como participante da primeira expedição russa à volta do Mundo efetuada sob a direção de KRUSENSTERN, circunstância essa que lhe permitiu preparar cuidadosamente sua viagem ao Brasil. Contava a expedição, entre o seu pessoal técnico, com botânicos, zoólogos, um astrônomo e desenhistas, englobando ainda, além desses, um taxidermista, caçadores, pilotos, remadores e trabalhadores auxiliares.

Achava-se munida de diversos instrumentos científicos, de material de intercâmbio a fim de que fosse possível completar as coleções, de material para embalagem e de meios de transporte (navios, barcos, cavalos e carros).

Prolongou-se a expedição de 1821 a 1829. Durante os primeiros anos (1821 a 1825), visitaram seus componentes os arredores do Rio de Janeiro, assim como as províncias da costa atlântica. Estas primeiras viagens é que iriam ter influência sobre problemas posteriores e sobre o traçado dos itinerários da expedição ao interior do país.

Em março de 1824, iniciou-se a viagem pela província de Minas Gerais, tendo ela durado mais de um ano. Em 1825, a expedição retornou ao Rio de Janeiro onde, então, elaborou um plano para as pesquisas nas regiões do interior do Brasil. Em setembro, partiu a expedição para a província de São Paulo, cuja exploração durou até maio de 1826. Em junho desse mesmo ano, deu-se a partida de Pôrto Feliz em direção a Cuiabá, capital da província de Mato Grosso, aí chegando a 30 de janeiro de 1827. Em Cuiabá, permaneceram os viajantes cêrca de um ano, daí empreendendo diferentes excursões para o estudo dos distritos da província de Mato Grosso.

No fim do ano de 1827, foram iniciados os preparativos para uma viagem ao Amazonas. Visando o estudo de uma área mais extensa, os membros da expedição dividiram-se em dois grupos, tendo cada um seu itinerário especial. Dever-se-iam novamente reunir em Barra do Rio Negro (hoje Manaus) e, todos juntos, subir então o rio Negro. Ao grupo, que tinha por chefe LANGSDORFF, competia estudar a região dos afluentes médios do Amazonas (Arinos, Juruena, Tapajoz). O outro, conduzido pelo botânico RIEDEL, deveria atingir o Amazonas, descendo os rios Guaporé, Mamoré e Madeira.

LANGSDORFF mostrava-se perfeitamente cômico das dificuldades que deveriam surgir e delas não fazia segredo para os demais participantes da expedição. Com êles examinava os planos das futuras viagens, advertindo-os dos perigos que os ameaçavam e procurando encorajá-los.

Em novembro de 1827, sob a forma de carta, enviou instruções a RIEDEL, nas quais não só dava seu assentimento ao plano que êste lhe havia apresentado, como também esclarecimentos e conselhos práticos. Inquietava-o, sobretudo, o clima úmido e insalubre das planícies baixas e pantanosas. Escrevia êle: "Viajai com sucesso nessas paragens insalubres. Tomai cuidado com as chuvas e com o tórrido calor. Evitai os charcos e as pequenas florestas úmidas e baixas. Tomai diariamente medicamentos amargos, tais como a quinina, laranjas ácidas com aguardente; trocai tôda a roupa depois das chuvas para estardes sempre sêcos, fazendo fricções com aguardente. Em caso de febre, de pequena importância, friccionai todo o corpo com aguardente".

"Assim como vós, farei também uma viagem em regiões insalubres. Torna-se, pois, indispensável repetir-vos por escrito tudo aquilo que já constituiu objeto de nossas conversações.

No caso de minha morte prematura ou de que o nosso encontro não se verifique, deveis partir o mais depressa possível para Santarém a fim de receber, em meu nome, todos os papéis, coleções, dinheiro e crédito, informar São Petersburgo de meu faleci-

mento, assim como dos planos dos futuros trabalhos que bem conheceis. No caso de minha morte, não deverá a expedição prosseguir sem novas instruções" (1).

Os pressentimentos de LANGSDORFF realizaram-se. Esta foi a última viagem da expedição, tendo sido todos os membros do primeiro grupo atacados pela febre tropical. LANGSDORFF foi, de todos, o mais seriamente atingido, tornando-se incuráveis as conseqüências de sua moléstia.

A 16 de setembro de 1828, o primeiro grupo chegava ao Pará (Belém). Tendo aí encontrado RIEDEL, vindo da Barra do Rio Negro a chamado de um emissário, a expedição partiu por mar para o Rio de Janeiro, no princípio de 1829. Do Rio, foi LANGSDORFF enviado para a Europa Ocidental a fim de ser submetido a tratamento. Em 1831, foi posto em disponibilidade, vindo a falecer a 29 de junho de 1852, com a idade de 78 anos.

O material recolhido pela expedição foi transportado para São Petersburgo por RIEDEL e o astrônomo ROUBTSOV. Durante um século, os manuscritos da expedição foram considerados como perdidos, pois acreditava-se que tivessem ficado em casa de LANGSDORFF e se extraviado mais tarde. Tanto a literatura russa quanto a estrangeira do século XIX contêm múltiplas referências de contemporâneos a essa expedição ao Brasil e, sobretudo, ao seu chefe. Nenhum dos autores, entretanto, fornece indicações a respeito do material da expedição (diários de viagem e outras notas). No século XIX, uma parte insignificante dessa documentação foi publicada: o diário de viagem do desenhista da expedição — H. FLORENCE, editado em 1875/76 no Rio de Janeiro, em versão portuguesa, é o que apresenta maior interesse científico (FLORENCE, 1876).

Constituiu essa a primeira e, até há poucos anos, a única descrição sistemática dos trabalhos da expedição, feita por um de seus membros. Esse diário foi, a seguir, reeditado no Brasil, em seu conjunto e, depois, de forma parcelada. Vários dos desenhos e esboços de FLORENCE foram ainda publicados por um cientista bem conhecido do Brasil — KARL VON DEN STEINEN (STEINEN, 1899).

Dentre a documentação da expedição, eram conhecidas na Rússia as "Observações astronômicas" de ROUBTSOV, várias cartas enviadas por LANGSDORFF à Academia de Ciências, uma importante coleção de desenhos de grande valor e valiosas coleções botânicas, zoológicas, mineralógicas e etnográficas.

Baseando-se nesse material e no diário publicado por H. FLORENCE, H. H. MANIZER, que havia participado da segunda expedição russa à América do Sul (1914-1915), redigiu uma curta biografia

(1) Citação extraída de um rascunho, escrito pelo próprio LANGSDORFF, em novembro de 1827 (Arquivos da Academia de Ciências da U.R.S.S., fonds 63, invent. 1, n.º 46).

de G. H. LANGSDORFF, bem como um resumo de sua expedição ao Brasil. Este trabalho, realizado em 1916/17, só foi publicado muito mais tarde (MANIZER, 1948), quando seu autor já havia falecido em 1917.

Os documentos manuscritos da expedição foram reencontrados na Academia de Ciências da U.R.S.S. em 1930, abrangendo eles assuntos botânicos, zoológicos, mineralógicos, geográficos, econômicos, históricos, etnográficos e linguísticos, referentes ao Brasil. Estas informações acham-se insertas nos diários de viagem de G. H. LANGSDORFF (1824/25), nas notas temáticas e nas descrições de diferentes viagens, nos documentos estatísticos, históricos e outros, recebidos pela expedição de diferentes instituições oficiais brasileiras, dos presidentes das províncias e outras pessoas; nos inventários científicos das coleções, nas cópias de documentos obtidos em arquivos do Brasil, nas cópias dos relatórios enviados a São Petersburgo e em outros documentos. Em 1953, foi descoberta a cópia do diário de viagem do astrônomo ROUBTSOV. Todo esse material acha-se conservado nos Arquivos da Academia de Ciências da U.R.S.S., em Leningrado.

Uma parte dos documentos não publicados em seu devido tempo perdeu, infelizmente, sua atualidade e nada mais apresenta do que um interesse histórico, como, por exemplo, a referência às novas descobertas feitas pela expedição russa e que, por muito tempo, permaneceram desconhecidas para a ciência. Isto diz respeito, sobretudo, às notas botânicas e zoológicas; os catálogos e as descrições científicas das coleções e os desenhos, por exemplo, enviados a São Petersburgo dão uma idéia das enormes coleções reunidas pela expedição e do grande valor científico que as mesmas, nessa época, apresentavam. Um grande número de plantas, pássaros, peixes, borboletas e animais diversos foi aí descrito pela primeira vez e assim é que somente um dos inventários da coleção de mamíferos, pássaros, insetos e peixes compõe-se de mais de duzentas páginas de texto, preenchidas com uma caligrafia bastante cerrada. A Academia de Ciências havia recebido dezenas de milhares de espécimens, sendo que uma só coleção entomológica, enviada em 1821, era composta por mais de 6000 exemplares. Uma outra de insetos e um herbário, recebidos no fim desse ano, contavam aproximadamente com 12000 exemplares, nesse número não se achando incluída uma coleção especial de borboletas enviada no decorrer desse mesmo ano. O herbário da expedição russa, tanto pelo número de exemplares quanto pela variedade de seu conteúdo, era muito mais importante do que o pertencente a HUMBOLDT. Se todo esse material tivesse sido publicado no século XIX teria, sem dúvida, acelerado o estudo

da flora e da fauna do Brasil, já que as expedições que mais tarde foram realizadas, em grande parte dos casos, nada mais fizeram do que repetir o que já havia sido feito pela expedição de LANGSDORFF.

As informações concernentes à geografia, situação econômica, história e etnografia do Brasil não somente não perderam sua importância para a ciência, como se apresentam hoje mais valorizadas do que na época em que foram obtidas. Naqueles mesmos pontos em que os membros da antiga expedição estudavam a natureza virgem do país, com o risco da própria vida, encontram-se hoje grandes cidades, estradas pavimentadas ou linhas férreas; recursos minerais são explorados ou realizam-se grandes plantações. Quase todas as tribos indígenas visitadas pela expedição não mais existem ou se acham, atualmente, extremamente reduzidas.

Tudo aquilo que havia despertado a atenção dos membros da expedição havia sido, dia a dia, anotado nos relatórios de viagem e, graças a isso, aí encontra-se a descrição das diferentes etapas da viagem, das paisagens, das povoações, dos tipos de propriedades, das minas de ouro e de diamantes, das condições de vida das tribos indígenas e dos negros escravos nas minas e nas grandes propriedades, bem como um sem número de outros dados. São esses relatórios muito volumosos, bastando dizer que, depois de devidamente decifrado, o diário de LANGSDORFF compreende, unicamente para o ano de 1824, 319 páginas datilografadas.

As observações sobre a geografia do Brasil realizadas pelos membros da expedição apresentam um valor exclusivamente científico. As descrições de uma série de províncias oferecem um indiscutível interesse histórico, pois conservaram para a ciência as informações sobre as paisagens, as cidades, vilas e povoações, bem como sobre a situação econômica das diversas regiões, a composição étnica e social da população, todas essas condições tendo-se completamente modificado após o decurso de mais de um século.

As observações barométricas, as medidas de temperatura, sistematicamente realizadas, o estudo do regime dos rios e outras informações concernentes à geografia física, oferecem igualmente um grande interesse, da mesma forma que os dados sobre os distritos pertencentes às províncias de Minas Gerais e Mato Grosso, onde se explorava o ouro e os diamantes. As informações sobre o distrito Diamantino (Mato Grosso), nos relatórios e em artigos especiais, bem como as cópias dos documentos oficiais particularmente apresentam um grande interesse. Encontram-se aí dados sobre os regulamentos para exploração das minas, sobre o modo de extração dos diamantes, as condições de trabalho e de vida dos habitantes, dos

negros escravos, além de listas de preços de diamantes e informações sobre a quantidade de diamantes extraídos em Diamantino, entre 1801 e 1828, etc.

De grande interesse é, igualmente, o material estatístico referente às províncias de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Com relação à de São Paulo, por exemplo, encontra-se uma tabela de população, em que são levadas em consideração a composição por nacionalidade e por classe social (brancos, negros livres, negros escravos, mulatos livres e mulatos escravos), número de casamentos, nascimentos e de mortes em 1805, 1810, 1815, 1820 e 1824, os mesmos dados se repetindo para os distritos de São Paulo, Curitiba e Paranaguá; Itú, para 1808 e 1815; vilas, paróquias, aldeias e outros pontos habitados da província, em 1824; uma tabela comparativa do número de habitantes dos pontos povoados da província relativamente aos anos de 1817-1824; quadros econômicos (produção agrícola, criação de gado, exportação e importação), para 1814; listas de despesas com os gastos da igreja em 1814/15 e muitos outros.

As notas sobre a etnografia e a linguística do Brasil ocupam um modesto lugar, mas, mesmo assim, importante. Os membros da expedição travaram conhecimento com as tribos dos apiacá, borôro, botocudo, guaná, guato, masakali, munduruku, além de várias outras tribos indígenas. Embora suas notas se achem incompletas, possuem, contudo, um grande valor para a ciência, já que as informações sobre quase todas essas tribos são muito escassas.

Mais completos são os dados sobre os negros (livres e escravos), suas difíceis condições de existência nas cidades, nas propriedades rurais, nas vilas e minas; sobre sua religião, festas, rituais de enterros, etc. O material folclórico, recolhido por FLORENCE, representa um útil complemento a esses documentos. Essas notas, intituladas "Algumas anedotas brasileiras", mostram as relações entre os negros escravos e seus patrões, o papel desempenhado pelos padres católicos, as perseguições sofridas pelos negros refugiados em quilombos (aldeias de negros fugitivos), bem como outros aspectos que caracterizavam sua vida de escravos (2).

Quanto ao material linguístico brasileiro, podem ser citados pequenos vocabulários para a linguagem dos botocudo, guana, caiapó, coroadó, coropó, masakali, bem como para a "língua geral" (mistura dos dialetos tupi-guarani com a língua portuguesa).

Entre o material que foi atualizado e enviado para a Academia de Ciências de São Petersburgo, ou provavelmente preparado para publicação, podem ser citados os inventários anotados das coleções botânicas e zoológicas, tendo por autores LANGSDORFF, RIEDEL e o

(2) Uma parte do material etnográfico foi editado nas publicações da Academia de Ciências da U. R. S. S.

zoólogo MÉNÉTRIÉ, além do artigo geográfico sobre a província de Mato Grosso. Este último baseava-se, sobretudo, nas observações realizadas pelos membros da expedição e tinha por autores, do que se pode deduzir da caligrafia em que os mesmos se acham redigidos, LANGSDORFF e FLORENCE.

Os manuscritos da expedição dispõem de um excelente complemento, constituído pelas ilustrações dos pintores FLORENCE, TAUNAY e RUGENDAS, que assim nos legaram as paisagens do Brasil, os desenhos de sua flora, fauna e habitantes.

A breve descrição que aqui fornecemos do material recolhido pela expedição não poderá abranger a totalidade dos documentos. Ela, apenas, tem em vista assinalar os notáveis resultados dos trabalhos realizados em regiões pouco estudadas e dificilmente acessíveis do Brasil daquela época.

Para os trabalhos da expedição, foi certamente muito importante a atitude favorável da opinião pública do Brasil, tanto por parte de seu governo quanto da administração provincial e, sobretudo, dos habitantes das regiões visitadas.

Segundo os testemunhos dos cientistas russos e estrangeiros, bem como dos navegadores do século XIX, que visitaram os portos brasileiros, o cônsul geral LANGSDORFF desfrutava de uma grande autoridade no Rio de Janeiro. Em sua hospitaleira residência, reuniam-se os representantes das classes intelectuais do país e os cientistas que visitavam o Brasil. Suas funções oficiais, seus títulos de membro da Academia Russa de Ciências, bem como de várias outras sociedades científicas, assim como suas relações pessoais, muito contribuíram para a atitude de boa vontade do governo, das autoridades provinciais e dos habitantes das cidades e vilas. Vivendo por muito tempo nas capitais das províncias, parando em viagens nas povoações, vilas e postos aduaneiros, a expedição era bem recebida e eficientemente auxiliada em seu trabalho, o que permitia a seus membros observar a vida dos habitantes, dos oficiais, dos soldados, assim como a dos negros e dos índios selvagens ou já pacificados ("índios bravos" e "índios mansos"). Os membros da expedição tinham acesso aos arquivos locais e, até mesmo, às minas de diamantes dos distritos, cuja visita era estritamente proibida aos estrangeiros. Os sentimentos de simpatia, manifestados pelos negros e índios, parecem ter surgido graças ao caráter das relações existentes entre eles e os componentes da expedição. Baseia-se essa suposição em algumas breves anotações e em alguns fatos referidos por escrito. No relatório redigido em Cuiabá, a 5 de outubro de 1827, por exemplo, são dadas várias informações sobre as difíceis condições de trabalho nas minas de ouro e de diamantes da província de Mato Grosso. Escreveu LANGSDORFF: "... Os neveiros, os pân-

tanos, os rios, os pequenos lagos, as nascentes e outros obstáculos, além do irregular ritmo de vida tornam extremamente difícil o trabalho de extração nas minas de ouro e de diamantes. Os trabalhadores morrem jovens, não atingindo em geral a idade alcançada pelos habitantes das províncias de São Paulo e Minas Gerais, nas regiões onde o clima é mais moderado.

As febres perniciosas intermitentes, a febre pútrida, a pneumonia, o amarelão, a blenorragia, as indigestões, a desintéria, a apoplexia, a paralisia, a hidropisia, a lepra são doenças que jamais encontrei nas outras regiões do Brasil.

Solicitei ao Presidente para que os doentes fossem recebidos na cidade e, eu mesmo, durante minha atual permanência em Cuiabá, utilizei meus conhecimentos médicos para, gratuitamente, auxiliar os doentes, dêles grangeando o reconhecimento, bem como a confiança e o respeito do Presidente, dos magistrados e dos habitantes das duas circunscrições". (3)

As gentilezas dos habitantes, sem dúvida, facilitaram o trabalho da expedição, freqüentemente executado em condições extremamente difíceis. A coleta do importante material, de enorme valor científico, tornou-se possível, sobretudo graças ao heroísmo dos membros da expedição e de seu chefe, para os quais nem o clima, nem os perigos da navegação em rios cheios de obstáculos, nem os sofrimentos ou, tão pouco, as graves moléstias, constituíram impecilhos intransponíveis. Esses corajosos homens, honestamente, cumpriram o seu dever até o momento em que, súbitamente, a expedição teve de interromper o seu trabalho.

BIBLIOGRAFIA

Além do trabalho de H. H. MANIZER, sobre a "Expedição do cientista G. H. LANGSDORFF ao Brasil", escrito em russo, são indicadas mais duas obras:

Esbôço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829 — original francês pelo segundo desenhista da Comissão Científica, Hércules Florence. Traduzido por Alfredo d'Escagnolle Taunay. Revista Trimensal do Inst. Hist., Geog. e Ethnog. do Brasil, 1875, T. XXXVIII; 1876, T. XXXIX.

STEINEN, K — *Indianerskizzen von Hercules Florence* — Globus, 1899, B. 75, N.º 1, 2.

(3) Arquivos da Academia de Ciências de U.R.S.S., fonds 63, invent. 1, n.º 46.